

Por um mínimo mais acanhado

A senadora Heloísa Helena (PSol-AL) decidiu só conceder entrevistas por escrito, via internet, alegando falta de tempo para atender os jornalistas. O Correio encaminhou então seis perguntas sobre temas polêmicos que qualquer candidato à Presidência da República deve enfrentar. Abaixo, o que ela pensa sobre estes temas:

Por que o PSol defendia um salário mínimo de R\$ 1.600 e agora o valor que a sua candidatura defende é de pouco mais de R\$ 700 mensais? Isto não é uma concessão à realidade da economia brasileira?

Compreendo com paciência maternal a ignorância ou inocência em relação ao tema. Devo relatar que a Constituição da República Federativa do Brasil, em seu artigo 7, inciso IV, estabelece que o valor da "ração essencial" para uma família com dois adultos e duas crianças corresponde hoje a R\$ 1.503,70. E por coerência com a proposta que sempre apresentamos em projetos no Congresso Nacional, no nosso Programa defendemos o valor de R\$ 570. Entendemos que o aumento real do salário mínimo é um poderoso instrumento para distribuição de renda e para dinamização da economia local, e apresentamos

também todos os mecanismos de compensação fiscal e tributária para as pequenas prefeituras, micro e pequenas empresas e famílias assalariadas que têm trabalhadores domésticos.

O que pode haver de comum entre o cristianismo e o trotskismo?

Infelizmente não desenvolvi ainda tão importante tese que forneça as chaves teóricas e vivências militantes e/ou espirituais proféticas que potencializem a discussão de impasses e confluências dos belos movimentos referidos.

Por que o PSol foi fundado no dia 6 de junho, data do seu aniversário? A senhora não acha que isto é uma prova de personalismo?

E no dia 6 de junho de 2005 o Roberto Jefferson denunciou o mensalão e eu não entendi como presente de aniversário! Do momento precioso de criação do nosso

PSol relembrar com amor e ternura a nossa pequena mas guerreira militância, que possibilitou um momento tão especial em nossas vidas, e sou eternamente grata a mais de 800 mil mulheres e homens pelo Brasil que, mesmo sem se identificar totalmente com as nossas concepções ideológicas e programáticas, foram democráticas e permitiram a formação de um abrigo para a esquerda socialista e democrática que não se vende pelo conluio putrefato com o capital.

Por que a senhora defende a definição da taxa de juros 6% ao ano. Como seria feito isto, por decreto, intervenção no BC?

Quem conhece tecnicamente a legislação do país sabe que é desonesto intelectualmente falar de forma caricatural em decreto ou intervenção para baixar juros, pois a ordem jurídica vigente no país possibilita ao presidente fazê-lo, se covar-

de não for. Quem como eu defende um BC independente do capital financeiro, ou até quem defende a independência nos moldes do modelo americano, sabe que a gerência da política monetária não pode funcionar como um mediocre moleque de recados dos banqueiros. É no governo Lula como foi no de FHC. Funciona sabotando o crescimento econômico e a distribuição de renda, pois além de promover uma brutal e avassaladora transferência de renda dos assalariados e do setor produtivo para o capital financeiro impede a utilização plena da nossa capacidade produtiva, a criação de novos postos de trabalho, a execução impositiva do Orçamento nos investimentos em políticas sociais e como se isto muito já não fosse, ainda auxilia a lavagem de dinheiro e aumenta a vulnerabilidade externa do país. Portanto é essencial reduzir os juros ao nível p

to pois isto significa 160 bilhões novos para promover a democratização da riqueza, das políticas sociais, da informação e da cultura, da terra e do espaço urbano.

A senhora defende a união de homossexuais?

Eu defendo toda união entre pessoas que vivem o amor em plenitude, inclusive quando não se submetem a um ladrinho falso moralista que ousa estabelecer uma única forma de amar. E desprezo as orgias sexuais com dinheiro público roubado ou os casamentos de mentira e de fachada sejam hetero, homo ou bi!

O que a senhora pensa sobre o aborto?

Uma dolorosa experiência de uma mulher-mãe que, às vezes movida pelo desespero, ou inexperiência ou tantas outras atitudes relacionadas à complexa subjetividade humana, destrói uma pequena e indefesa vida.